

A FLUIDEZ DO CARÁTER DÊITICO-ANAFÓRICO EM CASOS DE ENCAPSULAMENTO¹

João Carlos Tavares da Silva²

tavares.jct@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, propomos um novo olhar para a descrição de dois tipos de processos referenciais específicos, a saber, o encapsulamento anafórico realizado por pronome “Isso” e por “Demonstrativo + Nome”. Com base no arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, mais especificamente na Teoria dos Espaços Mentais e da Integração Conceptual (*Blending*), os casos citados anteriormente são comparados, neste trabalho, a dois outros relativos a “Isso” e “Demonstrativo + Nome”; estes, porém, são de caráter puramente dêitico. Argumentar-se-á que tais encapsuladores anafóricos são extensões desses usos dêíticos por projeção de Ponto de Vista. **Palavras-chave:** Dêixis; Anáfora; Encapsulamento anafórico; Integração conceptual.

INTRODUÇÃO

Nos estudos sobre referenciação, a descrição do processo referencial conhecido como encapsulamento anafórico (EA) é controversa, a começar pelo que se considera EA. Os limites entre o que se chama EA e dêixis textual não são consensuais entre os estudiosos, fazendo com que alguns casos sejam considerados EA por uns autores e dêixis textual por outros. Além disso, EAs apresentam caráter híbrido, que ora os aproxima da dêixis, ora da anáfora, e são não correferenciais, o que os coloca como um

¹ Deixo expresso meus sinceros agradecimentos à Profa. Dra Leonor Werneck dos Santos e à Profa. Dra Maria Lucia Leitão de Almeida, sem as quais o presente trabalho não teria sido possível, pelas valiosas discussões, pelas sugestões e pelos incentivos fundamentais ao desenvolvimento deste artigo.

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor de Língua Portuguesa, Linguística e Latim do Curso de Letras do Centro de Educação à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ).

subtipo dentro das anáforas indiretas. Os EAs distinguem-se dessas, porém, pela capacidade de condensar uma predicação anterior, ou mesmo, parágrafos inteiros.

Dentro desse terreno turvo e movediço dos EAs, pinçamos dois casos específicos com o intuito de solidificar um pouco mais as bases de sua compreensão. Assim, o objetivo deste artigo, é, com base no arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, mais especificamente a Teoria dos Espaços Mentais e da integração conceptual (*Blending*), propor uma descrição para dois tipos de processos referenciais específicos: EAs realizados por pronome “Isso” e por “Demonstrativo + Nome”. Esses casos são aqui comparados a dois outros casos específicos de “Isso” e “Demonstrativo + Nome”; estes, porém, de caráter puramente dêitico.

Em primeiro lugar, argumentamos que a capacidade de encapsular é fruto de duas operações mentais, a conexão conceptual (princípio da identificação, nos termos de FAUCONNIER, 1994)³ e a integração conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), que, por serem operações cognitivas gerais, atuam também em diversas instâncias da linguagem, inclusive na dêixis. Em segundo lugar, vamos propor que os casos de EAs aqui escolhidos são derivados de casos tipicamente dêiticos, e que, justamente por isso, apresentam caráter híbrido, com características tanto de anáfora quanto de dêixis.

Neste artigo, primeiramente, faremos uma breve exposição acerca da referenciação e da nossa postura sobre tal fenômeno: um processo sociocognitivo-interacional que só acontece na e pela interação. Em seguida, será exposta a nossa concepção acerca da base cognitiva da dêixis, para, logo, na seção intitulada *Sobre os encapsuladores e os dêiticos textuais*, apresentar uma breve revisão dos EAs e dos dêiticos textuais, com o intuito de deixar claro o que estamos entendendo por EAs e por dêiticos textuais. Na seção seguinte, discorreremos sobre o papel da integração conceptual nos casos de dêixis e de EAs que aqui nos interessam. Por fim, apresenta-se a análise dos dados.

³ Ver também os trabalhos de Nunberg (1978), Turner (1991) e Sweetser (1990).

1. SOBRE A REFERENCIAÇÃO

Os estudos sobre referenciação (embora o termo seja relativamente recente) remontam, no ocidente, à antiguidade clássica. Já no século I a.C, os estoicos refletiam sobre questões de linguagem e sobre a relação entre esta e o mundo. Para eles, referência era a relação que se estabelecia entre a linguagem e algo no mundo real. Essa visão entitativa da linguagem foi o pilar para diversos estudos sobre referência, sobretudo nas correntes formalistas.

A partir da segunda metade do século XX, com os novos estudos sobre referência, principalmente nas correntes de base funcional – Análise do Discurso, Linguística de Texto, Linguística Cognitiva, apenas para citar algumas –, a visão e a compreensão acerca do fenômeno da referência vêm recebendo novos enfoques.

A relação direta entre linguagem e mundo real deu lugar à noção de relação mediada pela cognição, o que torna a visão de referência não como uma etiquetagem do mundo, mas uma apreensão subjetiva do mundo, que será refletida na/pela linguagem. Salto importante também foi a mudança da visão estática de referência para uma visão dinâmica, o que culminou, inclusive, no termo *Referenciação* (MONDADA; DUBOIS, [1995]2003) – termo que marca o caráter processual e dinâmico do fenômeno.

Como afirma Cavalcante (2011: 15-16):

[...] referentes são entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto. São realidades abstratas, portanto, imateriais. Referentes não são significados, embora não seja possível falar de referência sem recorrer aos traços de significação, que nos informam do que estamos tratando, para que serve, quando empregamos etc. Referentes também não são formas, embora, em geral, realizem-se por expressões referenciais (...). É na interação, mediada pelo outro, e na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais que construímos uma representação - sempre instável - dessas entidades a que se denominam referentes.

Outro salto significativo das novas abordagens dos processos de referenciação é a noção de instabilidade do referente ou do *objeto de discurso*, como é comumente chamado hoje pela Linguística de Texto. Os primeiros estudos sobre categorização dentro da filosofia (WITTGENSTEIN, 1958), da antropologia (BERLIN; KAY, 1969) e da psicologia (ROSCH, 1973; 1978) muito contribuíram para os estudos linguísticos em geral e, conseqüentemente, para os estudos da referenciação e para a adoção da visão de

objetos de discurso inerentemente instáveis, que podem ser categorizados e decategorizados, evoluindo mediante contexto e/ou ponto de vista dos interlocutores (cf. MONDADA; DUBOIS, [1995]2003: 26-27).

Preocupado em achar respostas satisfatórias para antigos problemas sobre referência, Fauconnier (1994) traz nova contribuição com a Teoria dos Espaços Mentais (TEM). A TEM é, nas palavras de Almeida (1998),

(...) uma teoria sobre processos referenciais que se estruturam a partir de MCI, permitindo a análise e a descrição do processo de significação em linguagem natural, inclusive daqueles figurativos. Espaços mentais são ligações entre formas linguísticas e o universo de mundos mentais possíveis que surgem a partir de processos cognitivos de experiências e crenças.

A TEM, desde seu advento, passou por alguns desdobramentos. Um deles, de grande importância para mais avanços teórico-descritivos, foi a Teoria da Integração Conceptual (FAUCCONNIER; TURNER, 1998; 2002), que pode ser resumidamente definida como operação mental que nos permite projetar elementos de dois cenários distintos em um único cenário, fruto da fusão dos dois outros. Nesse novo cenário, surgem elementos novos que não estão nos cenários inputs. A Teoria dos Espaços Mentais e a Teoria da Integração Conceptual (TIC) têm sido fundamental para explicar vários processos referenciais⁴.

É com base nessa visão sociocognitiva-interacional de referenciação que se sustenta o presente trabalho. Por questões de economia, detalhamentos e questões importantes sobre a TEM e sobre a TIC são apresentadas juntamente com a análise dos dados.

2. SOBRE A BASE COGNITIVA DA DÊIXIS

A base para a comunicação é a téttrade ‘falante-ouvinte-momento-local’⁵ de maneira que é a partir desses quatro elementos que as escolhas linguísticas são feitas. Porém, esse terreno sobre o qual é alicerçada a comunicação não é suficiente para se

⁴ Para melhor entendimento de como a Teoria dos Espaços Mentais e a Teoria da Integração Conceptual contribuem para descrever e explicar processos referenciais, ver Fauconnier (1994; 1997) e Fauconnier e Turner (1998; 2002).

⁵ Essa téttrade é o que Langacker (1990) chama de *Ground*.

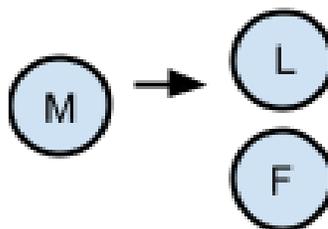
conceptualizarem cenas. Aliado aos quatro elementos básicos, há o papel fundamental da *perspectiva*.

Perspectiva é um constructo fundamental da nossa cognição que afeta a gramática, ou seja, é um processo cognitivo de domínio mais geral, e não apenas específico da linguagem. Tal constructo, na verdade, é complexo e envolve três subprocessos ou subtipos de perspectivas: ponto de vista, orientação e grau de objetividade-subjetividade.

O *ponto de vista*, ou *ponto de vantagem* nos termos de Ferrari (2011), é o ponto – seja ele real no espaço-tempo, seja ele projetado – adotado pelo falante para construir uma determinada cena. A *orientação*, por sua vez, é a direção para a qual o falante, ouvinte ou outro participante vai estar voltado.

Imagine três participantes numa cena: Fernando, Lucas e Mariana. Digamos que, nessa cena, Mariana assuma o papel de falante. Digamos também que Mariana está de frente para Lucas e Fernando, como representado na Figura 1, a seguir (a seta indica a *orientação* de Mariana em relação aos outros participantes):

Figura 1: Relação entre ponto de vista e orientação

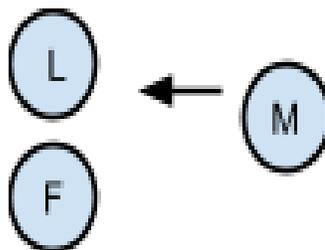


Fonte: Elaborado pelo autor.

Na frase “Fernando está à direita de Lucas”, dita por Mariana, está sendo tomado aí o ponto de vista da própria Mariana. Mas, se Mariana, nessa mesma cena, toma como ponto de vista Lucas, a frase seria “Fernando está à esquerda de Lucas”.

Ambas as frases foram construídas a partir de uma orientação específica (representada pela seta) e de um ponto de vista adotado pelo falante (o próprio falante, na primeira frase e Lucas, na segunda). Vimos que, mudando o ponto de vista, mudou também a expressão adverbial (à direita >> à esquerda). O mesmo acontece se mudarmos a orientação, conforme Figura 2, seguinte:

Figura 2: Relação entre ponto de vista e orientação



Fonte: Elaborado pelo autor.

Agora, tomado o ponto de vista de Mariana a frase será “Fernando está à esquerda de Lucas”. Ao contrário, tomado como ponto de vista Lucas, a frase será “Fernando está à direita de Lucas”.

Em suma, o ponto de vista é o ponto espacial ou temporal a partir do qual o falante vai construir uma cena. Essa construção mediada pelo ponto de vista e pela orientação acarretará, entre outras consequências para a estrutura linguística, a escolha de itens lexicais e de ordem das palavras na sentença.

Papel importante também tem o fenômeno da *projeção*. O falante pode se projetar para outro ponto espacial ou temporal, para, a partir dele, construir a cena e retratá-la pela linguagem. No caso acima, representado pela Figura 2, ao adotar o ponto de vista do outro, Mariana está fazendo uma projeção de ponto de vista. Ao dizer que “Fernando está à direita de Lucas”, Mariana está se projetando para outro ponto de vista, ou seja, para o ponto espacial em que Lucas está, e é a partir desse ponto no espaço que a cena é retratada.

Outro bom exemplo é o que geralmente fazemos quando gravamos uma mensagem na secretária eletrônica do tipo “No momento, não posso atender, deixe o seu recado e retornarei a ligação”. Ao dizer “No momento não posso atender”, o falante está se projetando para um ponto de vista, ou seja, para um ponto no tempo (o momento em que a gravação será ouvida pelo interlocutor) a partir do qual ele constrói a situação e a retrata em linguagem.

Dêiticos dependem de um ponto de vista e de uma orientação para serem usados (pelo falante) e interpretados (pelo ouvinte). Palavras como eu, você, ele, aqui, lá, este, aquele etc. dependem de um ponto de vista e de uma orientação adotados pelo falante.

A noção de ponto de vista está intimamente ligada à noção de objetividade-subjetividade. Grau de subjetividade/objetividade está sendo usado aqui nos termos de Langacker (1990). O autor compreende objetividade-subjetividade em termos de *construal* (constructo/interpretação/percepção), que pode ser parafraseado como a maneira como se constrói e/ou se concebe uma cena, podendo ser mais subjetiva ou mais objetiva.

Em suma, estamos considerando que a base cognitiva que alimenta o uso dos elementos dêiticos é a situação real de fala em que estão imersos dois ou mais interlocutores, aliado ao fenômeno complexo da *perspectiva*, que é a conjunção do *ponto de vista*, da *orientação* e do *grau de objetividade-subjetividade*. Assumimos que dêiticos prototípicos só emergem nessas condições de comunicação.

3. SOBRE OS ENCAPSULADORES E OS DÊITICOS TEXTUAIS

As anáforas encapsuladoras são consideradas um tipo de anáfora indireta, porém tradicionalmente tratadas à parte por apresentar características peculiares, como: (a) condensar toda uma predicação anterior, característica que dá origem ao nome ‘encapsuladores’; e (b) rotular por meio de um nome essa predicação. Além disso, é importante ressaltar o fato de tal predicação não necessariamente ser retomada pontualmente; ao contrário, o conteúdo condensado pode estar disperso no contexto, ou seja, é um conteúdo não delimitável, conforme (1) abaixo.

- (1) Cientistas americanos informaram nesta quinta-feira que dois planetas fora do Sistema Solar anunciados como muito semelhantes à Terra não existem. Em estudo publicado no site da revista *Science*, pesquisadores da Universidade do Estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos, refizeram os cálculos astronômicos e descobriram que os sinais que foram percebidos como planetas podem ser, na verdade, resultados de manchas ou erupções estelares. **A revelação** chega ao final de uma temporada de recuos científicos. Na última quarta-feira, a revista *Nature* assumiu que pesquisa revolucionária sobre células-tronco continha erros. Em junho, já havia publicado em seu site uma notícia citando duas análises em que cientistas da Universidade de Princeton e da Universidade da Califórnia em Berkeley questionam seriamente a detecção das ondas gravitacionais produzidas pelo surgimento do universo, anunciadas em março, que seriam um avanço na confirmação do Big Bang. Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/dois-planetes-semelhantes-a-terra-sao-falsos-diz-estudo>

Vê-se que o SN “A revelação” sumariza o conteúdo expresso nas duas sentenças anteriores, rotulando-o como *revelação*. Note-se, no entanto, que o que está sendo rotulado como revelação não é necessariamente tudo que contém nas duas primeiras sentenças, mas a ideia geral de que não existem dois planetas que se acreditava existirem, ou seja, nem sempre o SN estará sumarizando uma porção bem delimitada no texto. Além disso, há de se ressaltar o estatuto informacional/referencial das anáforas encapsuladoras. Por um lado, com relação ao estatuto informacional, veicula uma informação velha, já que sumariza algo que já foi exposto no texto. Por outro lado, é instaurado um novo referente no discurso que pode ser ponto de partida para uma nova predicação e posteriores retomadas.

O pioneirismo do estudo do encapsulamento como processo referencial é atribuído a Francis (1994), que trata da atribuição de títulos resumidos a segmentos textuais, nomeado pela autora de *rotulação* (“*labelling*”). Dois anos depois, Conte ([1996]2003: 1) faz um estudo sobre “uma anáfora lexicalmente baseada, construída com um nome geral (ou um nome avaliativo, ou nome axiológico) como núcleo e revela uma clara preferência por um pronome demonstrativo”.

Os trabalhos de Francis (1994) e Conte ([1996]2003) foram os pilares para os estudos das anáforas encapsuladoras. A partir daí, diversos autores (KOCH, 2002; ZULOAGA, 2006; SAÍZ, 2010; CAVALCANTE, 2000; 2001; 2002; CAVALCANTE; MESQUITA, 2011; apenas para citar alguns) têm se debruçado sobre o estudo do fenômeno do encapsulamento anafórico.

Cabe ressaltar que tanto Francis quanto Conte não tratam em totalidade do que hoje comumente se considera encapsuladores. O que Francis chama de *rótulos* se manifesta, segundo ela, por SNs plenos. Ficam de fora, pois, anáforas pronominais encapsuladoras como ‘isso’, ‘nada disso’, ‘tudo isso’, entre outras. Por sua vez, embora utilize o termo *encapsulamento anafórico*, Conte segue a mesma linha e não trata, nesse trabalho, dos casos de anáforas pronominais.

As anáforas pronominais foram incluídas por alguns autores como Lyons (1977), Levinson (1983), Ehlich (1982) no rol da dêixis discursiva, também conhecida como dêixis textual. Mateus e Xavier (1992: 356) apresentam a seguinte definição de dêixis textual:

Ao nível da dêixis é possível considerar apenas os aspectos diretamente ligados ao uso de marcas de pessoa, tempo e espaço, por referência ao momento da enunciação, ou considerar ainda o que alguns autores designam por dêixis textual ou discursiva, que por sua vez se distingue de dêixis social. A dêixis textual ou discursiva diz respeito ao uso de determinadas expressões num enunciado para referir uma parte anterior ou posterior do discurso, como, por exemplo, o demonstrativo *essa*, na frase "essa piada é ótima", que se refere a uma parte anterior do discurso.

Cavalcante e Santos (2014: 232) analisam alguns exemplos, repetidos aqui em (2a), (2b) e (2c), questionando o fato de serem tratados todos indistintamente como dêixis textual.

- (2a) (X says) - I've never ever seen him.
(Y answers) - That's a lie. (X diz - Eu nunca o tinha visto antes / e Y responde - **Isso** é uma mentira.)
- (2b) Além de não fazer mal algum, muitos insetos podem ser tão nutritivos – e saborosos – quanto vários outros bichos que colocamos no prato todos os dias. “O nojo que nós, ocidentais urbanos, temos por **esses seres** é puramente cultural”, diz Bill Yosses, chef do badalado restaurante nova-iorquino Citarella.
- (2c) Os desenhos que ilustram **esta reportagem** fazem parte do conjunto de 31 imagens selecionadas por Graça Pizá para ilustrar o que batizou de "vocabulário ilustrado dos afetos emparedados" – uma síntese dos sentimentos mais frequentemente expostos por seus pequenos clientes.

Para as autoras, apenas (2c) pode ser considerado dêixis textual, ao passo que (2a) e (2b) são, respectivamente, encapsulamento anafórico e anáfora direta.

A nosso ver, o entrelaçamento entre dêiticos textuais e encapsuladores anafóricos ocorre pelo fato de:

- haver uma tendência nos estudos mais tradicionais a restringir o estudo da dêixis ao estudo do uso dos demonstrativos, o que fez com que casos como o do exemplo (2a) fossem colocados no rol da dêixis textual e não do encapsulamento anafórico;
- ambos – dêixis textual e EA – sumarizam um elemento dentro do próprio texto (e não a uma situação real como no caso dos dêiticos de pessoa, lugar e tempo);
- a informação referida pelos dêiticos textuais nem sempre ser pontualizada, mas, diluída no discurso, assim como acontece no encapsulamento anafórico;
- ambos serem não correferenciais.

Segundo Cavalcante e Santos (2014), o resultado disso ao longo do tempo foi uma série de classificações tais como “dêixis discursiva”, “dêixis textual”, “anáfora com dêixis”, “anáfora com demonstrativo”, algumas vezes usadas como sinônimas, outras como classes distintas.

A despeito dessa falta de consenso, há, nos estudos mais recentes sobre referenciação, a tendência a considerar qualquer elemento que condense uma porção do discurso, delimitável ou não, pontual ou não, como *encapsulamento*, independentemente de sua forma, se SN pleno ou pronome.

Vale citar, nessa linha, a abordagem de Cavalcante (2000: 193) que faz um minucioso trabalho de análise e (re)classificação dos dêiticos discursivos. A autora propõe a separação (dentre várias outras feitas) entre dêixis discursiva e dêixis textual, sendo esta última caracterizada

por sua função verdadeiramente organizadora dos segmentos discursivos. Para assinalar a posição dos trechos referidos, sob o ângulo horizontal ou vertical de ordenação, recorrem a pronomes adverbiais circunstanciais ou a SNs de valor demonstrativo, com formulações tipicamente catafóricas, responsáveis pela introdução de novos referentes no discurso.

Assim, a dêixis textual ficaria restrita a casos como em “no próximo parágrafo”, “no capítulo anterior”, “o texto acima/abaixo”, “no capítulo seguinte”, em que apenas se indicam coordenadas espaço-textuais para o leitor, com em (3):

- (3) O texto **acima**, classificado como gênero anúncio, se compõe de várias anáforas, dentre elas a direta total, ou correferencial [...]
(Fonte: MATOS, J. G.; BRITO, M. A. P. *As funções discursivas das recategorizações*. In: *Intersecções* Edição 12 (1): 40-60, 2014)

Essa falta de consenso entre os autores e as diversas classificações encontradas na literatura é prova da dificuldade em delimitar fronteiras categoriais rígidas entre os diversos casos de anáfora e dêixis. Tal imprecisão foi alvo de discussão em autores como Cornish (2007; 2011) e Cavalcante e Santos (2014), sendo o caráter híbrido presente em vários processos referenciais o ponto principal de discussão desses autores. Cornish chega a propor a nomenclatura anadêixis para nomear alguns casos. Em seu trabalho clássico, o próprio Lyons (1977: 668), ao tentar distinguir *dêixis pura* de *dêixis impura*, já afirmara, sobre esta última, que “sua função parece cair em algum lugar entre a

anáfora e a dêixis”. Em suma, EAs e dêiticos textuais apresentam características que ora os aproximam ora os afastam, o que motivou alguns pesquisadores a discutir acerca das fronteiras entre essas duas categorias.

Feita essa breve revisão, cabe deixar explícita nossa visão acerca dos fenômenos discutidos. Com relação aos dêiticos textuais, adotamos posicionamento próximo ao de Cavalcante (2000), restringindo-os aos casos como do exemplo (3). Assumimos, também, que encapsulador anafórico (ou simplesmente encapsulador) é toda e qualquer estrutura que condense uma predicação anterior, sumarizando-a e, ao mesmo tempo, instaurando um novo referente que possa ser ponto de partida para nova predicação, independentemente de ser apenas demonstrativo, demonstrativo + nome ou artigo + nome.

4. SOBRE O PAPEL DA INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL

Salta-nos aos olhos, o fato de os estudos em referenciação tratarem do encapsulamento como se fosse uma característica exclusiva dos elementos ditos encapsuladores. Em outras palavras, estamos chamando a atenção para o fato de o fenômeno de condensar, numa estrutura linguística, uma porção maior e, muitas vezes, não delimitável e, ao mesmo tempo, fazer referência a essa porção não ser exclusividade das anáforas encapsuladoras.

Argumentamos, a seguir, que o encapsulamento anafórico é fruto de operações cognitivas gerais – conexão conceptual e integração conceptual (*blending*) – e que, por serem operações mentais mais gerais (e não exclusivamente linguísticas), atuam em vários níveis da linguagem, sobretudo na dêixis. Vamos propor também que são os usos dêiticos que derivam os usos anafóricos por meio da projeção de Ponto de Vista.

O Princípio da Identificação pode ser definido nos seguintes termos: “Se dois objetos *a* e *b* estão ligados por uma função pragmática F ($b = F(a)$), uma descrição de *a* pode ser usada para identificar sua contraparte *b*” (FAUCONNIER, 1994: 3). Esta correlação entre *a* e *b*, à qual o autor se refere, está na base de processos metonímicos (mas não ocorre só na metonímia), como “Platão está na prateleira de cima”⁶ em vez de

⁶ Exemplo extraído de Fauconnier (1994: 4).

“os livros de Platão estão na prateleira de cima”, em que a (Platão) identifica b (coleção de livros).

A integração conceptual é, antes de tudo, um processo imaginativo de fusão, ou seja, uma operação mental que nos permite fundir elementos de domínios distintos; ela atua na linguagem, em diversos níveis, nos permitindo, condensar estruturas linguísticas maiores (ou conceitos) em porções menores, por exemplo.

Abreu (2010: 70) cita exemplos bastante ilustrativos desse processo, como o caso de uma pessoa que pega uma conta de luz, por exemplo, e, após olhá-la por um tempo, diz “A cada mês que passa essa conta fica mais cara”. Obviamente não é a conta que a pessoa está segurando que vai crescendo em valor a cada mês, mas um conjunto de contas que é conceptualmente comprimido na última conta vista. Outro exemplo fornecido pelo autor é a formação de alguns conceitos por integração conceptual. Quando falamos, por exemplo, que “o cão é o melhor amigo do homem”, não estamos nos referindo a apenas um cão, mas integrando todos os cães em apenas um.

Os usos não prototípicos do pronome ‘você’ também são casos de integração conceptual⁷, como no exemplo em (4), em que *você* não é a segunda pessoa, mas estão integrados aí todos potencialmente passíveis de aplicar um teste de QI a alguém, ou seja, primeira, segunda e possível(is) terceira(s) pessoa(s).

(4) SUPER: O teste de Quociente de Inteligência (QI) tem sido usado há décadas para medir a capacidade intelectual. O senhor acha que ele ainda é um bom instrumento?

É razoável se submeter alguém a um teste de QI se **você** tem somente 1 hora para conferir suas habilidades, especialmente as acadêmicas. O problema está menos no teste e mais na tendência de encará-lo como o único parâmetro para avaliar a inteligência. O QI adquiriu uma importância exagerada. Se eu quisesse conhecer as inteligências de um indivíduo, eu o observaria em ambientes diferentes: na escola, na rua, num café ou sobrevivendo num deserto, por exemplo. Isso diria muito mais do que aquilo que se pode inferir a partir de um simples teste escrito.

(Fonte: <http://super.abril.com.br/ciencia/muitas-caras-inteligencia-443876.shtml>)

Agora, imagine a seguinte cena: duas pessoas A e B estão numa lanchonete, sentadas, comendo e conversando, quando, de repente, do outro lado da rua, insurge uma briga. A, então, fala para B: “Olha isso/aquilo”. Nesse caso, o pronome *isso* ou

⁷ Aconselhamos o trabalho de Abreu e Ferrari (2013) que analisa usos não prototípicos de ‘we’ e ‘you’ via Teoria dos Espaços Mentais e *Blending*.

aquilo não está se referindo a algo específico no *ground*, mas a toda uma cena (as pessoas que estão envolvidas diretamente na briga, as que tentam desapartar, as que incitam o alvoroço, um cachorro que estava perto e começou a latir assustado).

Percebe-se, então, que mesmo dêiticos mais prototípicos, ou seja, aqueles usados em situação real de comunicação fazendo referência a algum aspecto ou faceta do *ground* são capazes de encapsular vários elementos deste *ground*. Isto é, dêiticos podem fazer referência a não apenas um único elemento do *ground*, mas a vários.

É importante salientar também que essa capacidade de encapsular vários elementos do *ground* não é necessariamente bem delimitada. No exemplo do diálogo acima, o interlocutor A pode ter tido a intenção de se referir apenas às duas pessoas brigando e às que tentavam desapartar a briga. Entretanto, o interlocutor B, ao ouvir a frase associou ‘isso/aquilo’ a outros elementos, como o cachorro latindo e as pessoas que, em vez de tentar desapartar a briga, incitavam-na ainda mais. Isso mostra que os limites referenciais nem sempre são rígidos e bem delimitados e podem sofrer influência de diversos fatores tais como focalização, perfilamento, *Frames* e *MCIs*⁸, entre outros.

Imaginemos agora outra cena. Um(a) jovem está se preparando para sair de casa com seus amigos. A mãe entra em seu quarto e, sobre a escrivaninha, vê gibis abertos, canetas e lapiseiras jogadas, uma cueca/calcinha em cima do teclado do computador, livros e cadernos no chão, a cama desferrada e com várias coisas em cima, a porta do guarda-roupa escancarada, um saco de biscoito vazio no chão. Ela então diz: “Você está achando que vai sair e deixar essa bagunça toda do jeito que está?”.

Nesse caso, há uma estrutura DEM + Nome, *essa bagunça*, com nítido caráter dêitico, pois aponta para uma faceta do *ground*. Entretanto, não há só caráter dêitico nessa expressão. Além do caráter dêitico, há o encapsulamento da cena vista pela mãe, via integração conceptual⁹, e a rotulação desta cena como *bagunça*, segundo sua avaliação subjetiva.

⁸ O próprio conceito que emerge no momento em que a cena é vista pode influenciar na maneira como ela vai ser integrada ao dêitico ‘isso/aquilo’. Se uma pessoa concebe a cena como uma briga e, para ela, briga envolve apenas as pessoas que estão se digladiando, é mais provável que ela integre ao dêitico apenas as pessoas diretamente envolvidas na briga e as pessoas que tentam desapartar. Se, por outro lado, a pessoa concebe a cena como uma confusão, é mais provável que outros elementos sejam integrados, como o cachorro latindo e as pessoas incitando a violência.

⁹ Como no caso anterior, o limite do que está sendo considerado bagunça não é bem delimitado e também depende de diversos fatores.

Chegamos, então, ao ponto que queríamos destacar: os encapsuladores anafóricos ‘Isso’ ou ‘DEM + Nome’ não se distinguem tanto de alguns usos mais prototípicos de dêiticos. Em primeiro lugar, porque as operações cognitivas que subjazem a esses processos (tanto no caso da dêixis como na anáfora) são as mesmas: conexão conceptual e integração conceptual. Em segundo lugar, acreditamos que as anáforas encapsuladoras sejam extensões desses usos dêiticos.

Não à toa, Conte ([1996]2003: 1) chama a atenção para o fato de sintagmas nominais anafóricos encapsuladores terem “uma clara preferência por um pronome demonstrativo”. Se o uso de pronomes demonstrativos não é categórico, por outro lado, é nítido que a maioria das anáforas encapsuladoras tem a estrutura DEM + Nome.

Em suma, estamos propondo que as estruturas de encapsulamento anafórico do tipo “Isso’ ou “DEM + Nome” são derivadas de casos de dêixis prototípicas. A próxima seção é destinada à análise desses casos.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Vamos analisar nesta seção quatro tipos de estruturas referenciais, a saber:

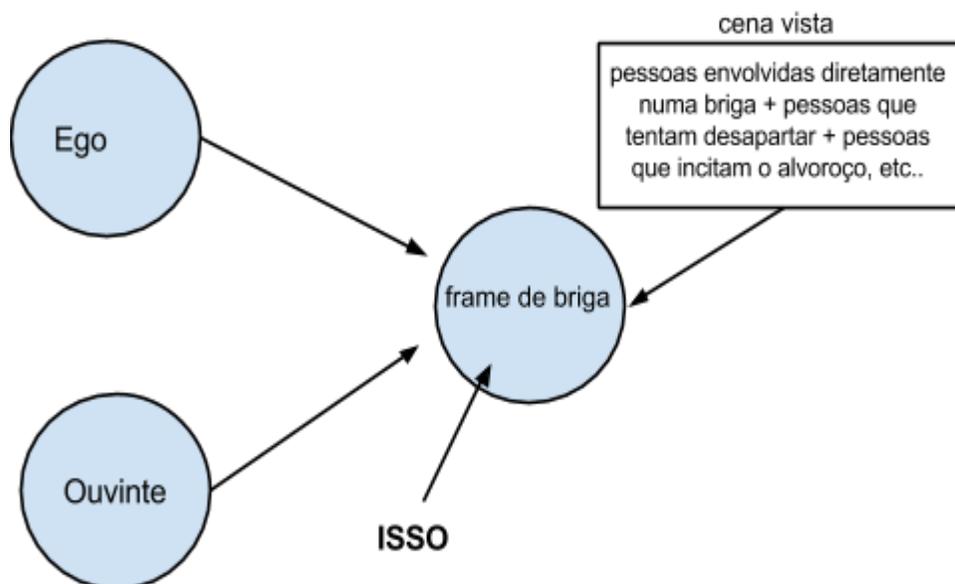
- (A) demonstrativos *isso* de caráter puramente dêitico, em que *isso* encapsula vários elementos do *ground*;
- (B) demonstrativo + nome com caráter puramente dêitico, encapsulando e rotulando vários elementos do *ground*;
- (C) Demonstrativo *isso* de caráter anafórico, encapsulando uma porção de texto, não necessariamente bem delimitada, anteriormente exposta; e
- (D) demonstrativo + nome de caráter anafórico, encapsulando uma porção de texto, não necessariamente bem delimitada, anteriormente exposta, em que o nome rotula (nos termos de Francis [1994]2003) essa porção de texto.

Nossa intenção é comparar esses casos e argumentar que as estruturas anafóricas são derivadas das estruturas dêiticas por projeção de ponto de vista. A e B são casos de dêixis prototípicas, e vamos nos valer dos exemplos já expostos na seção anterior. Já C e

D são casos de encapsulamento anafórico e serão comparados com A e B. Em outras palavras, argumentaremos aqui que C está para A, assim como D está para B.

A) Demonstrativos *isso* de caráter puramente dêitico, encapsulando vários elementos do *ground*: “Olha isso” (isso = pessoas envolvidas diretamente numa briga + pessoas que tentam desapartar + pessoas que incitam o alvoroço etc.).

Figura 3: Representação do caso A



Fonte: Elaborado pelo autor.

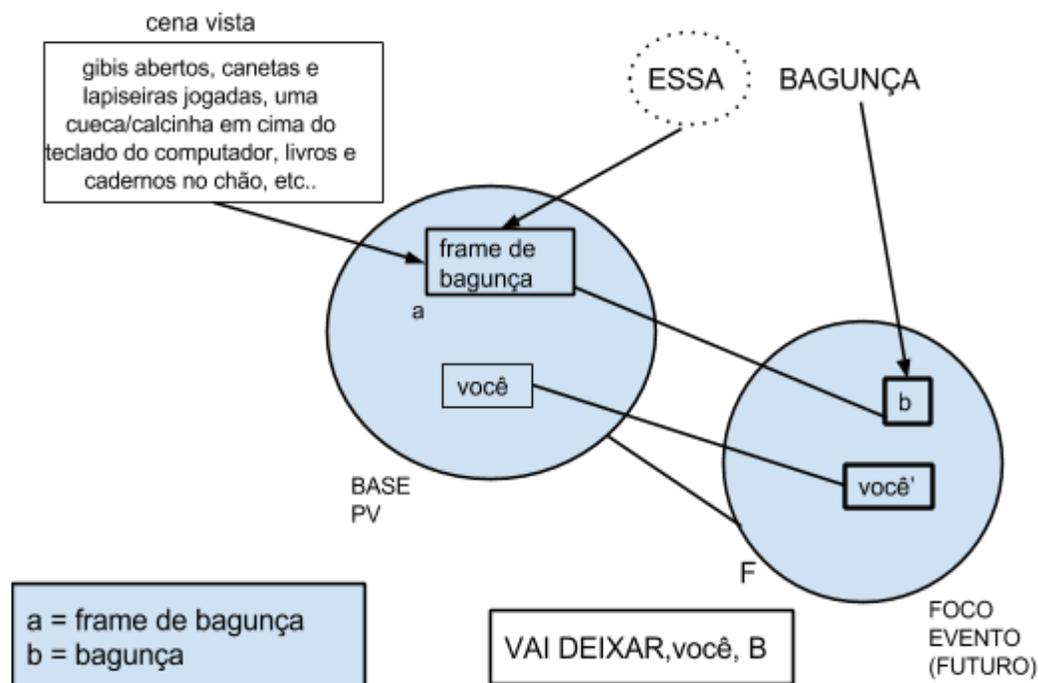
A Figura 3 representa o falante (Ego) e o ouvinte no momento da comunicação. A cena vista está descrita no quadro no canto superior da figura. É essa cena que, ao ser vista pelo ouvinte, ativa nele um *frame* (que estamos aqui assumindo que é o de ‘briga’), e é esse *frame* que irá ser encapsulado no pronome *isso*.

Embora um *frame* não seja ilimitado, ou seja, não é qualquer elemento que faz parte de um determinado *frame*, ele nunca será plenamente delimitado. O limite de elementos que o estruturam não é fechado. Assim, estando o pronome *isso* encapsulando o *frame* ativado pela cena vista, só pode ser tão aberto quanto o *frame* para o qual aponta. Isso explica seu caráter não bem definido.

B) Demonstrativo + nome de caráter puramente dêitico, encapsulando e rotulando vários elementos do *ground*: “Você está achando que vai sair e deixar essa

bagunça toda do jeito que está?” (essa bagunça = gibis abertos, canetas e lapiseiras jogadas, uma cueca/calcinha em cima do teclado do computador, livros e cadernos no chão etc.).

Figura 4: Representação do caso B



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Figura 4, o círculo à esquerda simboliza o espaço base, que representa sempre o espaço relacionado à realidade. É a âncora ou ponto de partida do discurso e normalmente identificado com o aqui-e-agora da interlocução. O que estamos chamando de F simboliza o espaço Futuro (já que não se trata do aqui agora, mas sim do tempo futuro, marcado pela perífrase “vai deixar”). No espaço base, estão indicados os elementos do *ground*. Parte desses elementos se projeta para o espaço futuro F. A figura, então, mostra que, enquanto o pronome *essa* aponta para o frame ativado pela cena, o nome *bagunça* rotula essa cena. Esse rótulo é possível, além de outros fatores¹⁰, devido a nossa capacidade cognitiva de associar analogicamente elementos em espaços mentais

¹⁰ Não se pode esquecer o papel importante de Frames e MCIs no fenômeno da rotulação. Eles são indispensáveis para explicarmos as restrições de etiquetagem. Não é qualquer nome que pode servir de rótulo para a cena descrita no exemplo.

distintos, o que Fauconnier denomina Princípio da Identificação (FAUCONNIER, 1994: 3).

Assim como *você* está ligado a *você'* pela Função Pragmática que licencia o Princípio da Identificação, a (*frame*) é associado a b (*bagunça*) pelo mesmo princípio; logo b é contraparte de a e estão associados por correspondência analógica.

Assim como no caso anterior, sendo *bagunça* associada ao um determinado *frame* ativado no momento em que a cena é vista pelo falante, seus limites também não são fechados. Isso fica claro se pensarmos na possibilidade de o ouvinte (no caso do exemplo dado, o/a filho(a)) associar a “essa bagunça” apenas a cama desarrumada, deixando de lado todo o resto.

Nosso próximo passo é descrever os casos C e D, que têm como base o texto abaixo:

(5) **Inovações vaticanas**

(Rodrigo Botero Montoya)

O Papa Francisco introduziu delicadeza, abertura e ar fresco na estrutura medieval do Vaticano

Transcorridos 15 meses de sua eleição, o Papa Francisco iniciou um processo de mudança no estilo de governo eclesiástico, com uma combinação de prudência e audácia. **Isso** tem requerido manter um delicado equilíbrio entre versões antagônicas do catolicismo, cujos enfrentamentos são escondidos sob sutilezas ideológicas.

Uma versão, que se identifica com o Concílio Vaticano II, concebe a Igreja em termos pastorais, reconciliada com o mundo moderno, receptiva às reformas e definida como o povo de Deus. Os papas que representam **essa tendência** são: Angelo Giuseppe Roncalli (João XXIII, 1958-1963), Albino Luciani (João Paulo I, 26 de agosto a 28 de setembro de 1978) e, ao que parece, Jorge Mario Bergoglio (Francisco).

Outra versão, que se considera tradicional, prefere o conceito da Igreja hierárquica e combatente, proclamada como única fonte de salvação, governada de forma vertical e autoritária, centralizando o poder na Cúria Vaticana. Os papas que caracterizam **essa tendência** são: Eugenio Pacelli (Pio XII, 1939-1958), Karol Josef Wojtyła (João Paulo II, 1978-2005) e Joseph Ratzinger (Bento XVI, 2004-2013).

Com a canonização simultânea de João Paulo II e João XXIII, Francisco tentou tornar viável a coexistência pacífica das duas tendências sem tornar explícitas suas preferências. Cada um dos novos santos caracteriza formas opostas de exercer a autoridade pontifícia. O primeiro, refletindo sua experiência na Polônia, deu prioridade ao papel de líder político. O segundo enfatizou sua atividade pastoral, promoveu a modernização do catolicismo e excluiu o Vaticano do proselitismo eleitoral na Itália.

Francisco decidiu imprimir a seu pontificado a opção preferencial pelos pobres. Sem ser inteiramente nova, esta diretriz corresponde ao espírito dos tempos. Ao finalizar o conclave que elegeu o novo Papa, o cardeal Claudio Humes, arcebispo

emérito de São Paulo, aconselhou-o a não se esquecer dos pobres. Pouco depois, Francisco declarou aos jornalistas que lhe agradaria uma Igreja pobre e para os pobres. Desta maneira, adquiria atualidade a mensagem de João XXIII em setembro de 1962: “... a Igreja se apresenta como é e quer ser: a Igreja de todos e, particularmente, a Igreja dos pobres”.

Francisco reforçou essa diretriz com seu exemplo pessoal de austeridade em termos de indumentária e alojamento. Restam-lhe tarefas pendentes em temas como a reforma da Cúria, o tratamento discriminatório à mulher e o escândalo da pedofilia clerical. Mas, até agora, o Papa introduziu delicadeza, abertura e ar fresco na estrutura medieval do Vaticano.

Rodrigo Botero Montoya é economista e ex-ministro da Fazenda da Colômbia

Publicado em 25-05-2014

(Fonte: <http://oglobo.globo.com/opiniao/inovacoes-vaticanas-12590629#ixzz32p3b2500>)

C) Demonstrativo *isso* de caráter anafórico, encapsulando uma porção de texto, não necessariamente bem delimitada, anteriormente exposta.

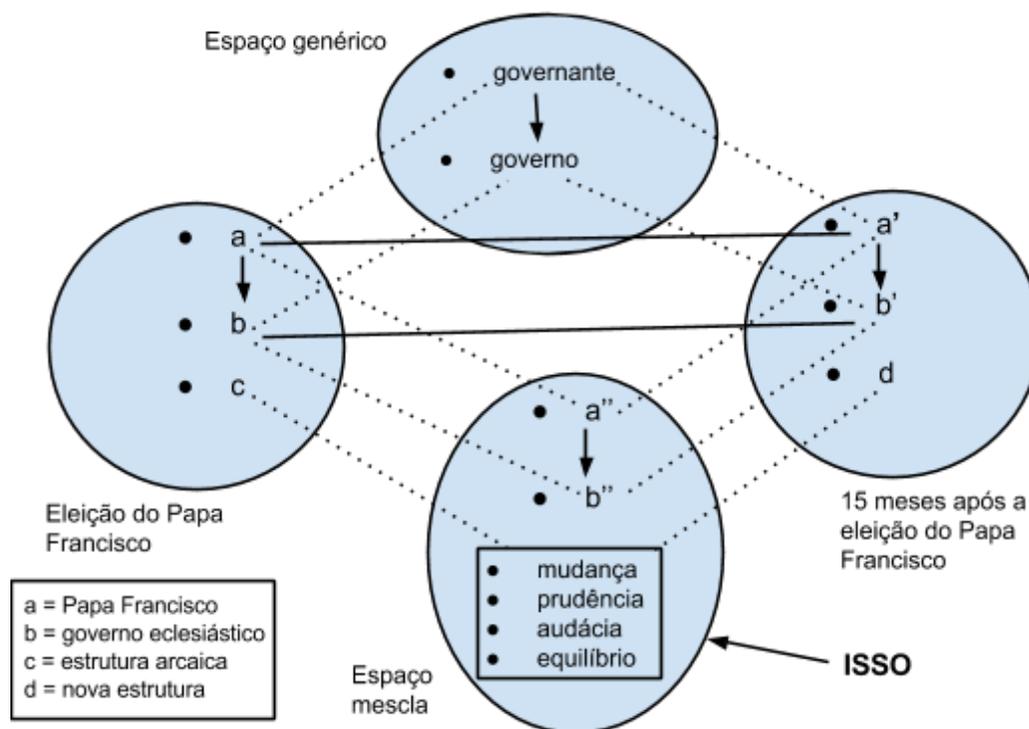
No segundo parágrafo do texto (5), há um pronome *isso* encapsulando toda a predicação anterior ao mesmo tempo em que instaura novo referente que serve de ponto de partida para nova predicação, o que condiz com o que estamos considerando por encapsulamento anafórico. A diferença entre o caso C e o caso A é que o ponto de vista adotado é o próprio texto. Em outras palavras, o próprio texto é tomado como a *origo*, ou seja, como ponto de partida para “apontar para”, ao passo que, no caso A, o ponto de partida é o próprio falante. Estamos de acordo com Cavalcante e Santos (2014: 237) para quem

Toda estratégia referencial se desenvolve, a nosso ver, por um mecanismo dêitico (leia-se o que diz Lyons, 1977, sobre “componente dêitico”), ou seja, por um dispositivo remissivo, uma propriedade de apontar para um dado objeto localizável em dado “campo dêitico” (BUHLER, 1982), que pode ser ou o espaço situacional da comunicação empírica, ou o espaço cotextual, ou a memória compartilhada, ou mais de um desses campos a um só tempo. Observemos, portanto, que postulamos a distinção entre “componente dêitico”, peculiar a toda expressão referencial, e dêixis propriamente dita – um processo referencial que depende, necessariamente, da consideração do ponto de origem do enunciador, de sua localização espaço-temporal.

Tal componente dêitico em C é resquício de sua categoria de origem A. Em se tratando de estruturas linguísticas derivadas, a ideia de resquício da estrutura de origem na estrutura derivada não é novidade e, inclusive, já consagrada na literatura ao tratar de construções que passaram por processo de gramaticalização ou extensão semântica.

Com relação à capacidade de encapsular toda a predicação, argumentamos, via Teoria da Integração Conceptual (TIC), que o pronome *isso* aponta para o espaço mescla, conforme Figura 5 abaixo.

Figura 5: Representação do caso C



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Figura 5, a, b, c e d indicam, respectivamente, Papa Francisco, governo eclesialístico, estrutura arcaica e nova estrutura. O *input 1* (à esquerda) representa o período em que o Papa foi eleito, em que a seta indica a relação entre o Papa e o governo eclesialístico. No *input 2* (à direita), está representado o período de quinze meses após a posse do Papa, em que a' e b' são as contrapartes de a e b pela Função Pragmática que licencia o princípio da identificação.

O espaço genérico (círculo superior) representa a estrutura abstrata comum capaz de irmanar os dois *inputs*. Em outras palavras, é o espaço mental onde surge uma estrutura global (por isso o termo genérico) que dá conta de representar nossa capacidade cognitiva de associar e perceber instâncias distintas (*input 1* e *2*) como fazendo parte de uma mesma estrutura mais ampla.

As linhas tracejadas indicam que os elementos são percebidos como análogos e mentalmente associados (quando relacionados entre *input 1*, *2* e espaço genérico) ou fundidos (no caso da projeção no espaço mescla).

Por fim, o espaço mescla (círculo inferior) é para onde são projetados e fundidos os elementos dos *inputs*. Entretanto, o grande potencial teórico-descritivo da TIC é a noção de *estrutura emergente* que permite explicar como conceitos que não estão presentes nem no *input 1* nem no *input 2* surgem após a mescla: o fenômeno da fusão cria um novo espaço parcialmente independente de onde é possível emergir informações que lhes são exclusivas (ALMEIDA *et al.*, 2009).

Isso fica perceptível nas noções de *mudança*, *prudência*, *audácia* e *equilíbrio*, que são noções emergentes e exclusivas do espaço mescla. O caráter emergente de tais noções fica muito claro se observarmos que, no momento da posse (*input 1*), havia uma estrutura vigente considerada arcaica. Ora, nesse momento, não há mudança, obviamente, tampouco prudência e audácia (já que não há ninguém indo contra a estrutura vigente e, por isso, tendo que ser prudente e/ou audacioso). Da mesma forma, as noções de prudência e audácia e principalmente de equilíbrio (que só é possível devido às duas anteriores) não estão no *input 2*, já que d representa a “nova estrutura”.

É somente na fusão de c com d que tais noções podem ser licenciadas e compreendidas, pois elas revelam o embate entre c e d. Sendo assim, embora *prudência* não esteja no *input 1*, só pode ser interpretado em relação a ele. Assim como *audácia*, que só pode ser interpretado em relação ao *input 2*, não faz parte dele. Surge, então uma noção inteiramente nova que é a de *equilíbrio*, somente interpretável mediante o embate das duas anteriores.

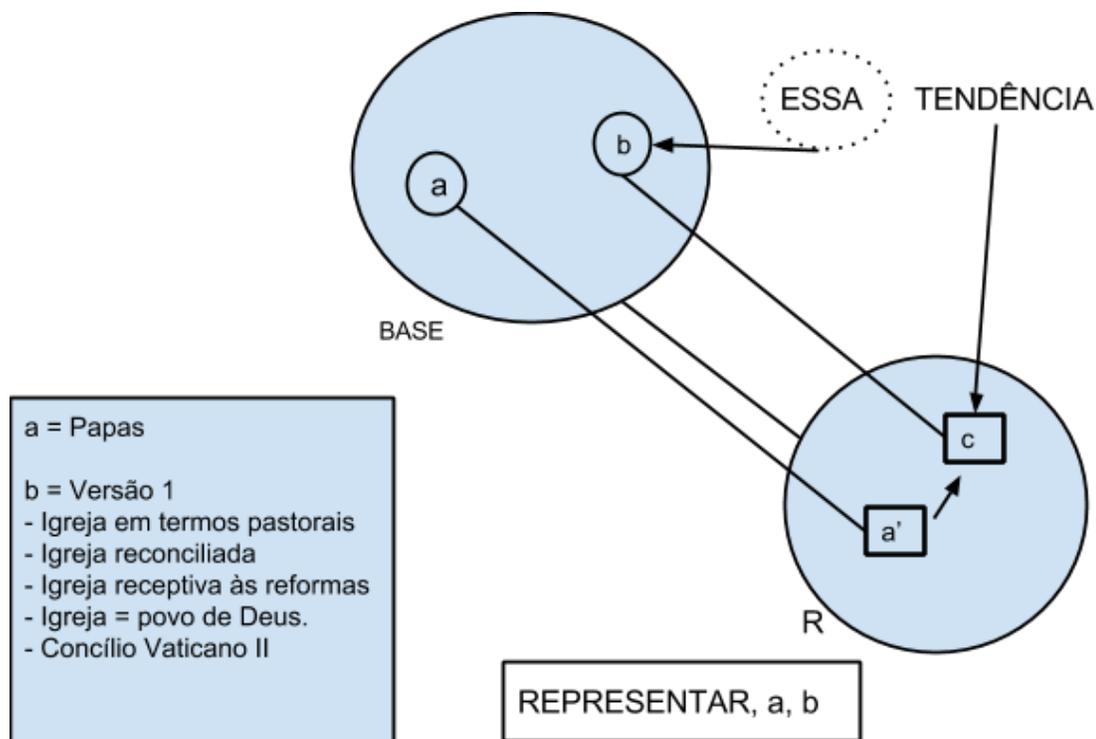
Toda a explanação feita é referente à primeira sentença do parágrafo. Duas questões que se colocam agora são: (a) Por que *isso* não aponta para um ponto específico do texto; e – ainda mais importante – (b) Por que, ao lermos *isso*, conseguimos acessar informações que não estão explícitas no texto?

O pronome *isso* não aponta para um elemento específico, nem para o *input 1* nem para o *input 2*, mas sim para o espaço mescla (cf. representado na Figura 5). Não é à toa, então, que os encapsuladores, além de apontar para porções textuais, podem portar informações que não estão necessariamente no cotexto, mas, que são inferíveis. Tais

informações inferíveis nada mais são do que as estruturas emergentes do espaço mescla para o qual o pronome aponta.

D) demonstrativo + nome de caráter anafórico, encapsulando e rotulando uma porção de texto, não necessariamente bem delimitada, anteriormente exposta.

Figura 6: Representação do caso D



Fonte: Elaborado pelo autor.

No terceiro parágrafo do texto (5), *essa tendência* encapsula toda a predicação anterior, instaurando novo referente que serve de ponto de partida para nova predicação. Há também nítido componente dêitico que “aponta para”, tomando como ponto de partida o próprio texto. Entretanto, diferentemente do caso C, o nome tem o papel de rotular essa predicação nesse caso, revelando a avaliação subjetiva do autor do texto, assim como acontece com o termo *bagunça* em B. A diferença entre B e D, se dá, pois, por projeção de ponto de vista.

Na Figura 6, o círculo mais alto é o espaço base, e o que estamos chamando de R nessa representação trata-se do espaço mental aberto pela relativa¹¹ “que representam essa tendência”. Na base (espaço da realidade), então, tem-se a = Papas e b = todos os atributos relacionados à igreja (versão 1)¹². Em R, estão a', que é a contraparte de a e c que é a contraparte de b.

Cabe, nesse ponto, um esclarecimento. Por que estamos usando c em vez de b'? Essa opção é apenas para deixar marcado o papel da rotulação. Estamos dizendo que b representa os atributos dados à igreja e c o rótulo que se dá a esses atributos, que se identifica analogicamente com b pelo princípio da identidade (representado pela linha que os conecta). Fizemos a mesma opção na Figura 4 entre a e b, em vez de a e a'. A seta em R indica a relação entre a' e c (papas > representar > tendência).

O pronome *essa* aponta para b direcionando o foco de atenção do leitor para os atributos expressos na sentença anterior, ao passo que o nome *tendência* aponta para c e tem o papel de rotular b. Essa rede de projeções e identificações explica o papel de encapsulador do SN *essa tendência*¹³.

CONCLUSÃO

Tentamos mostrar, ao longo deste artigo, um novo olhar para dois casos específicos de processos referenciais dentro do universo conhecido como encapsulamento anafórico: Pronome ISSO encapsulador anafórico e DEM + Nome encapsulador anafórico.

Propusemos que tais casos derivam de processos referenciais dêiticos por projeção de ponto de vista. A noção de estrutura derivada já havia sido sutilmente apontada por alguns autores, dentre eles, Apothéloz (1995) e Cavalcante (2000), por exemplo. Esses autores já haviam tido o *insight* de que alguns elementos gramaticais

¹¹ Estamos assumindo que a oração relativa é um construtor de espaço mental (*space builder*). De maneira sucinta, podemos definir tais construtores como estruturas linguísticas cujo propósito é fornecer instruções para a ativação de um novo espaço mental. A lista de construtores de espaço não é fechada e ainda não há um consenso entre os estudiosos com relação à quantidade de construtores em uma língua. Ferrari (2011), por exemplo, cita seis tipos de *space builders*. Militão (2009) dá uma lista também de seis tipos, mas apenas dois deles aparecem no trabalho de Ferrari.

¹² Cabe ressaltar que a noção de versão 1, marcada pelo SN “uma versão”, está ancorada na noção de versões antagônicas instaurada no parágrafo anterior.

¹³ O SN “essa tendência” do terceiro parágrafo do texto é semelhante ao do segundo parágrafo.

e/ou lexicais “mudam do campo dêitico canônico para o ambiente textual” (CAVALCANTE, 2000: 53). Tais trabalhos, porém, permanecem na esfera da descrição linguística sem avançar muito nas motivações que levam a essa mudança de campo dêitico. Em outras palavras, o presente trabalho difere-se por se propor a desvendar a causa cognitiva de tal mudança: a projeção de ponto de vista.

Propomos também que o caráter híbrido desses casos, que os coloca numa zona de transição entre a dêixis e a anáfora, decorre de herança entre estruturas. Sendo assim, os casos C e D herdam características dos casos A e B, respectivamente.

Por fim, vimos também que tanto no caso A (dêitico) como no caso C (EA) o pronome *isso* aponta para um *frame* (seja ativado pela cena, como no caso dêitico; seja mesclado a partir de dois inputs, como no caso anafórico). Já nos casos B (dêitico) e D (EA) o demonstrativo aponta para um *frame*, ao passo que o nome o rotula via conexão conceptual (princípio da identificação).

Se pensarmos em graus de inferências, podemos perceber que o caso C exige mais inferência do que o caso D. Assumimos aqui que o maior grau de inferência exigido em C se dá porque *isso* aponta para um espaço mescla, do qual surgem estruturas emergentes que não fazem parte de seus inputs. Já em D, a conexão feita é com um *frame*, que, embora não seja uma base de conhecimento totalmente estável e pré-determinada, não opera com estruturas emergentes como ocorre no *blend*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABREU, Antônio Suarez. *Linguística cognitiva – uma visão geral e aplicada*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.
2. ABREU, Helen de Andrade; FERRARI, Lilian. Aspectos genéricos da dêixis: o caso dos pronomes *you* e *we* em inglês. *Revista Philologus*, v. 19, n. 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2013.
3. ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. Viver é uma forma de enferrujar: estudo de anguladores em semântica cognitiva. In: VALENTE, André. (Org.). *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 253-260.
4. APOTHÉLOZ, Denis. *Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle*. Tese (Doutorado) – Université de Neuchâtel. 1995.

5. BERLIN, Brent.; KAY, Paul. *Basic color terms: their universality and evolution*. Berkeley: University of California, 1969.
6. CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. Recife, 205p. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2000.
7. _____. *Demonstrativos* – uma condição de saliência. Conferência apresentada por ocasião do II Congresso Internacional da ABRALIN – Fortaleza, 2001.
8. _____. *Dêiticos discursivos* – um caso especial de referência indireta? Comunicação apresentada no 50. Seminário do GEL. São Paulo: USP, 2002.
9. _____. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza, Ed. UFC, 2011.
10. _____.; MESQUITA, Livia de Lima. Argumentação e polifonia em anáforas encapsuladoras. *Letras de Hoje*, v. 46: 55-63, 2011.
11. _____.; SANTOS, Leonor Werneck. Referenciação: continuum anáfora-dêixis. *Intersecções* – Edição 12 – Ano 7 – Número 1, 2014
12. CONTE, Marie-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *et al.* (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, [1996]2003. p. 177-190.
13. CORNISH, Francis. *Deictic, discourse deictic and anaphoric uses of demonstrative expressions in English*. Workshop “Anaphoric uses of demonstrative expressions”, System und Variation, 29th DGfS Annual Meeting, Universität Siegen, Germany (28th February-2nd March 2007). [mimeo].
14. _____. Indexical reference within a discourse context: Anaphora, deixis, “anadeixis” and ellipsis. *Journée d’Etude « Ellipse et anaphore »*. Paris: Institut Charles V/Université Paris 7: 1-31, 2011.
15. EHLICH, K. Anaphora and deixis: same, similar, or different? In: JARVELLA, Robert J.; KLEIN, Wolfgang. (Eds.). *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 315-338.
16. FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University, 1994.
17. _____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University, 1997.
18. _____, TURNER, Mark. Conceptual integration networks. *Cognitive Science*, 22(2): 133-187, 1998.

19. _____, TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the minds hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
20. FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
21. FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, [1994]2003. p. 191-228.
22. KOCH, Ingedore Villaça. Linguagem e cognição: construção e reconstrução dos objetos de discurso. *Veredas*, v. 6, n. 1: 29-42, 2002.
23. LANGACKER, Ronald. Subjetification. *Cognitive Linguistics*, 1990.
24. LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
25. LYONS, John. *Semantics*. V. 2. Cambridge: Cambridge University, 1977.
26. MATEUS, Maria Helena Mira; XAVIER, M. F. *Dicionário de termos linguísticos I-II*. Cosmos. 1992.
27. MILITÃO, Josiane Andrade. Compressão e descompressão: a chave da compreensão. In: COSTA, Jorge Campos da; PEREIRA, Vera Wannmacher. (Org.). *Linguagem e cognição: relações interdisciplinares*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.
28. MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, [1995]2003. (Coleção Clássicos da Linguística).
29. NUNBERG, Geoffrey. *The Pragmatics of Reference*. Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club, 1978.
30. ROSCH, Eleanor. On the internal structure perceptual and semantic categories. In: Moore, T. (Ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973.
31. _____. Principles of categorization. In: ROCH, Eleanor; LLOYD, Barbara (Eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ; NY: Lawrence Erlbaum, 1978.
32. SAÍZ, Carmen Llamas. Interpretación del discurso ajeno: la anáfora conceptual metafórica en la noticia periodística. *Revista de Investigación Lingüística*, n. 13, 2010: 107-126.
33. SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: the mind-as-body metaphor in semantic structure and semantic change*. Cambridge: Cambridge University, 1990.

34. TURNER, Mark. *Reading minds: the study of English in the age of cognitive science*. Princeton: Princeton University, 1991.
35. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical investigations*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 1958.
36. ZULOAGA, Margarita Borreguero. Naturaleza y función de los encapsuladores en los textos informativamente densos (la noticia periodística). *Cuadernos de Filología Italiana*, v. 13, 2006. p. 73-95.

ABSTRACT: In this paper, it is proposed a new perspective for the description of two specific types of referential processes, which are the anaphoric encapsulation performed by the pronoun “Isso” and by the structure “Demonstrative + Noun”. These two cases are compared to specific cases of deictics “Isso” and “Demonstrative + Noun”. Based on the theoretical framework of Cognitive Linguistics, specifically on the Theory of Mental Spaces and Conceptual Integration (Blending), the cases mentioned previously are compared, in this work, to other two cases relating to “Isso” and “Demonstrative + Noun”; the latter ones, however, are purely deictic. It is argued that those anaphoric encapsulations are extensions of these deictic uses through viewpoint projection.

Keywords: Dêixis; Anaphora; Anaphoric encapsulation; Blending.

Recebido no dia 23 de junho de 2015.

Aceito para publicação no dia 28 de julho de 2015.